

Romances Mediúnicos - Parte I

por Yvonne do Amaral Pereira

“A primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.”
“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada Santamente, religiosamente.”

(Allan Kardec – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XXVI, 8 e 10.)



Freqüentemente, amigos nossos, igualmente afeitos às lides espíritas, solicitam-nos esclarecimentos sobre o modo pelo qual são ditados, do Além, os romances sempre tão atraentes, da já vasta bibliografia espírita.

- Tomarão, os autores espirituais, da mão do seu aparelho mediúnicos, tão-somente? Indagam aqueles observadores – Atuarão também sobre o cérebro de seu intérprete, seguindo a linha conhecida da faculdade psicográfica? Servir-se-ão da audição, porventura? Talvez da intuição?...

De princípio, afirmaremos que dependerá, racionalmente, da classificação do médium, tal como nela explicam as obras básicas da Doutrina, podendo, portanto, um romance porvir do Além através daquelas vias mediúnicas e também pela inspiração, e até pela incorporação, para que alguém escreva enquanto o aparelho receptor, ou o médium, dita, sob impulso do ser comunicante. Não obstante, acrescentaremos que, além da psicografia mecânica, da semimecânica, da intuição e da audição, etc., poderão verificar-se, num ditado mediúnicos, para romance, pelo menos, outros meios igualmente concluentes e detalhados, que ao próprio médium fortalecem na fé e nas corajosas disposições que lhe serão indispensáveis ao melindroso mister, ao passo que um mundo novo, um novo horizonte e uma sociedade rica de belezas e harmonias se desvendam para seu espírito, encantando-o, até ao indefinível, com uma felicidade diferente de tudo o que na Terra se conhece por esse nome, inconcebível,

portanto, aos atendimentos que não a tenham penetrado.

Tratando-se de um ensaio complexo, preferiremos sobre o assunto afirmar somente aquilo que particularmente nos disser respeito, visto ignorarmos particularidades de recepção mediúnica de outros instrumentos. Assim sendo, começaremos declarando que – receber obras mediúnicas, quer se trate de romances ou não, se para alguns médiuns constitui missão, como presenciarmos suceder a Francisco Cândido Xavier, para outros constituirá provação e resgate de algo mal interpretado ou realizado no passado reencarnatório. Nessa última catego-

Letras e ao Belo, razão pela qual, na atualidade, possuirá aptidão para obter do Espaço obras superiores aos seus próprios conhecimentos do presente.

No entanto, quer se trate de missão ou provação, o que é certo para todos os médiuns é a tremenda responsabilidade que assumem no dia em que colocaram o seu nome e a sua personalidade no seio de um movimento dessa natureza.

Não desejamos abordar a indicação, por assim dizer, necessária a um médium, a fim de servir de instrumentação fácil sob direção dos amigos espirituais que dele desejarem utilizar-se, para labores mediúnicos em geral. Como tão

Receber obras mediúnicas, para alguns médiuns constitui missão, para outros constituirá provação e resgate

ria nos colocamos a nós mesma, pois não ignoramos sejam resgates as terríveis peripécias que temos sustentado e vencido até agora, para conseguir apresentar, à bibliografia espírita, a pequena contribuição que nos tem cabido. De outro modo, verifica-se tratar-se de um dom especial, pois o médium psicógrafo, simplesmente, não se prestará ao feito literário mediúnico se não trouxer nos meandros psíquicos, além dessa, também a qualidade de “literário”, como tão bem definiu Allan Kardec. O médium literário do momento, portanto, teria sido escritor em vidas pregressas ou, pelo menos, um intelectual inclinado às

bem apontou o grande educador espiritual Emmanuel: “Há, nos reinos do espírito, leis e princípios, novas revelações e novos mundos a conquistar. Isso, entretanto, exige, antes de tudo, paciência e trabalho, responsabilidade e entendimento, atenção e suor”¹. O que implicará renovação, severos trabalhos de reforma interior, de parte do candidato a intérprete dos Espíritos.

Certamente, não ignoramos que a faculdade mediúnica, em si mesma, independe de qualidades morais excelentes, ou de virtudes, visto que Allan Kardec, assim como os Espíritos elevados que lhe revelaram a Doutrina Espírita explicaram que

¹ “Seara dos Médiuns”, Cap. 5, pág. 23

MEDIUNIDADE

até mesmo um médium analfabeto pode escrever belas páginas de literatura. Todavia, o mesmo Kardec classificou de **muito raros**, quase excepcionais mesmo, tais médiuns, e nós outros, os espíritas em geral, com a longa experiência adquirida

no aprendizado diário, também temos constatado que, se é fato que a faculdade mediúnica, em si mesma, independe de qualidades morais excelentes, os feitos edificantes que pode ela produzir somente advém, no entanto, após renovação geral de

seu portador, ou, pelo menos, após a demonstração, de parte deste, de boa vontade em se harmonizar com a Espiritualidade superior, mediante a observância de severos deveres e disciplinas.

Por outro lado, não conhecemos nenhum médium verdadeiramente analfabeto que apresentasse obra literária escrita, embora tenhamos conhecimento de alguns poucos exemplos desses, havidos na história da mediunidade². Parece-nos, mesmo, que tal fenômeno será cada

...os Instrutores Espirituais preferirão que os seus instrumentos se apliquem a boas leituras e estudos em geral



² Na cidade de Lavras, Minas Gerais, durante o período 1926-1930, conhecemos como médium do Centro Espírita de Lavras uma senhora de cor, cujo coração boníssimo soube muito bem assimilar a Doutrina dos Espíritos, mas analfabeta, pois mal sabia assinar o próprio nome e apenas lia, com grande esforço, as preces contidas no final de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Chamava-se Eugênia da Conceição e residia numa travessa da antiga rua do Cônego. Recebendo em memoráveis reuniões realizadas por aquele Centro, presididas então pelo Coronel Cristiano José de Souza e o seu Vice-Presidente, Sr. Augusto Paiva, o Espírito do Padre Vítor, através da incorporação, essa médium fazia os mais belos discursos filosóficos e de alta moral que jamais ouvimos, os quais, às vezes, levavam trinta minutos e mais ainda, lembrando, efetivamente, o sermão de um sacerdote, no púlpito das igrejas. Recebia, também, o Espírito do Dr. Augusto José da Silva, que igualmente discursava de modo edificante, embora apresentando assunto e estilo diversos. Ao receber Espíritos sofredores, essa médium admirável, já falecida, relatava aos presentes a vida no Além-Túmulo, descrevendo-a como André Luiz hoje no-la tem revelado, e de tal forma o fazia que estas manifestações se tornavam altamente elucidativas e instrutivas para os adeptos. Tais discursos, no entanto, apresentavam freqüentes erros de português, visto que, médium analfabeta, não oferecia maleabilidade suficiente aos Espíritos comunicantes para uma transmissão mais completa. ▶

vez mais raro, tendendo a desaparecer. Temos compreendido que, dadas às dificuldades a vencer para o ditado mediúnico da literatura, os Instrutores Espirituais preferirão que os seus instrumentos se apliquem a boas leituras e estudos em geral, a observações e meditações profundas, o que não deixaria de estabelecer um preparo prévio, uma indicação, a fim de adquirirem e arquivarem cabedais capazes de tornar sua mente maleável e obediente ao escritor espiritual. Isso, porém, não é tudo, pois, como ficou dito, sem um ressurgimento de valores pessoais no íntimo do próprio médium, nada se conseguirá de apreciável, por não se haver ele ajustado às faixas vibratórias aptas ao feito. Seria igualmente errôneo o julgamento de que pessoas muito ilustradas e doutas seriam melhores instrumentos para um escritor da Espiritualidade do que um simples estudioso, um autodidata, destituído de títulos e diplomas. Não! Sabemos, porque ficou dito pelos maiores do Espiritismo, que o cérebro menos assoberbado de teorias e sistemas preconcebidos se presta melhor aos ditados espíritos mediúnicos, não só por

positivar o fato mais concludentemente, como também porque, graças à sua singeleza, não seria interpretada, ou desfigurada, com idéias pessoais, alguma revelação nova que adviesse em contraposição a teorias que deveriam ser renovadas, antes a traduziria sem mesclas nem preconceitos, porque, assim, não possuiria barreiras mentais capazes de impugnar um noticiário que fosse contrário às opiniões já implantadas pela cultura daquele



que muito se demorou no recesso das Academias.

Desde o aparecimento da Codificação, queixam-se as entidades

dispõe a transmitir algo que vive ou existe nas regiões felizes do Invisível, as quais desconhece porque, quando desencarnado, ele, o médium, não as pudera atingir, e tam-

queixam-se as entidades espirituais da deficiência do vocabulário humano para expressar a palavra dos Espíritos

espirituais elevadas da deficiência do vocabulário humano para expressar a vertiginosidade da palavra dos Espíritos, das dificuldades, das barreiras contra o que lutam nossos Guias para descreverem as grandezas do mundo invisível. Quem é médium transmissor de revelações e ditados instrutivos de qualquer natureza, especialmente romances desenvolvidos no Além, sabe das torturas psíquicas indefiníveis a que se vê submetido quando o seu instrutor se

bém sabe que isso a que denominamos “tortura”, à falta de outro qualificativo mais exato, não atinge somente a si próprio, mas também ao Instrutor comunicante, que se entregará a disciplinas mui penosas a fim de se conseguir fazer compreender, as disciplinas a que só se anima pelo muito amor a causa das Verdades Eternas e pelo cumprimento de um sagrado dever. Por isso mesmo, entristecemos-nos quando alguns oradores, empolgados pelo ardor da

MEDIUNIDADE

própria palavra, ao emitirem opiniões meramente pessoais, vão ao extremo de atacar os médiuns com suposições e críticas impróprias e humilhantes, revelando dessarte o pequeno conhecimento da causa que tentara defender, e também leviandade na apreciação de um campo delicado e complexo, que requer mais serenidade e espírito de observação, para ser devidamente estudado.

É certo que o estudo da mediunidade deverá ser acompanhado de cautelosas pesquisas para que se possam remover as numerosas dificuldades de que comumente se rodeia, como deslindar as múltiplas causas que a poderão desfigurar, levando-a mesmo ao ridículo e à nulidade tratando-se de uma faculdade, por assim dizer, celeste, destinada a realizações imprevisíveis, conviria aos seus detratores – pois o há mesmo dentro da grei espírita – antes de investigá-la com espírito de proteção e fraternidade do que depreciá-la com observações desanimadoras e anti-doutrinárias. Ora, as modalidades de meios de comunicação com o Invisível têm preocupado ultimamente certos pensadores, que levam os códigos do Espiritismo mais como passatempo do que mesmo com o sincero desejo de realmente aprender. Algumas dessas modalidades, consideradas “novidades”, criticadas por uns, incompreendidas por outros, negadas por muitos, relegadas por alguns a título de “fantasias do cérebro de médiuns ignorantes”, são, não obstante, tão antigas, e já conhecidas dos velhos po-



vos do passado, como são a psicografia, a incorporação e as demais, estudadas por Allan Kardec e seus colaboradores.

Ninguém há que ignore a singular faculdade mediúnica de João, o Evangelista, dentre outras que possuiria o chamado “discípulo amado”, cujo espírito era **arreatado do corpo material** durante o transe lúcido de desdobramento, era alçado ao Espaço e, uma vez ali, via Jesus – a quem chamava de Senhor – e com ele conversava, recebendo preciosas instruções. O que, porém, Jesus dizia ao seu discípulo seria não somente **ouvido**, mas também **visto** por João, pois a palavra do Mestre tomava forma, transforma-se em fatos e ocorrências diante do Apóstolo, depois do que o próprio Senhor Jesus o mandava escrever em livro tudo quanto presenciara. Daí surgiu o célebre livro “Apocalipse”, o último dos belos volumes de que se compõe o Novo Testamento de Jesus-Cristo, obra essencialmente mediúnica não muito clara à compreensão vulgar, em virtude de sua feição esotérica e das dificuldades com que o Divino Mestre, ou um de seus agentes, teria lutado para tentar transmitir o transcendentalismo profético servindo-se do vocabulário e das imagens da época, bem mais deficientes do que as atuais, como foi o caso, por

exemplo, para descrever a aviação moderna, tão claramente ali revelada, não obstante a deficiência das imagens³.

Tão bela faculdade não foi isolada, ou particular a João. Os Profetas do velho Testamento sucintamente explanaram os mesmos por menores, afirmando, com frequência, que eram **arreatados em espírito**, repetindo sempre:

- “O Senhor disse, e eu vi ...”

Ao passo que os médiuns atuais não cessam de afirmar que **vêm quadros fluídicos, através de descrições dos seus Instrutores desencarnados, ao receberem obras, mensagens vistas e não apenas escri-**

fato a devida importância. Igualmente, a vida de muitos artistas célebres – médiuns quase todos, sem o saber, alguns demonstrando mesmo faculdades positivas -, enumera fatos idênticos: visões, transportes em corpo astral, **ou arrebatamento do espírito**, de que trata João. Contam que Vincenzo Bellini, o grande compositor italiano, durante um sono que tudo indica tenha sido um transe letárgico, ou um estado de sonambulismo, “sonhou” que assistia uma festa no “Céu”. De lá mesmo, onde pairava, o seu espírito temporariamente afastado do corpo, isto é, do local feliz do Invisível onde se encontrava – certamente algum pon-

O célebre livro “Apocalipse” é obra essencialmente mediúnica, porém não muito clara à compreensão vulgar

tas, avisos de futuras ocorrências narradas em cenas vivas, principalmente de morte próxima de algum ser amado, e romances e revelações novas.

E não somente com os médiuns declaradamente espíritas tais fenômenos se verificam. A vida de cada criatura está repleta desses fenômenos, embora a maioria não ligue ao

to de reunião de Espíritos artistas – aciona o corpo, que dorme, e escreve a ária vitoriosa da sua ópera “Norma”, pois que a anterior fora vaiada durante a récita de estréia.

Na empolgante obra “No Invisível”, Léon Denis cita o caso do pintor alemão Alberto Dürer, o qual, preocupado por não se sentir inspirado para a criação de um quadro

³ Apocalipse, 9:1 a 21.

⁴ “Água-furtada”

– Sótão, pequena dependência de uma casa, localizada imediatamente sob o telhado, muito usada na Europa, como residência pobre. Alberto Dürer

– Célebre gravador, pintor, escultor e arquiteto alemão. Nasceu em Nuremberg, em 1471, e aí morreu em 1528. Aliou a uma imaginação de espantosa riqueza um colorido perfeito e, principalmente, uma incomparável mestria de desenho. Exímio no retrato, embora mostrasse preferência pelos assuntos impressionantes.

MEDIUNIDADE

que reproduzisse os quatro evangelistas, debruça-se na janela da sua “água-furtada”, na cidade de Nurenberg, Alemanha, e faz sua invocação aos poderes espirituais ⁴. Pouco a pouco, desenham-se no espaço, a sua vista materializadas, as quatro figuras que ele desejava pintar. A riqueza dos tons luminosos que envolvem essa obra-prima dos

céus clareia a parte da cidade alcançada pelo artista da janela da sua humilde habitação, e este, deslumbrado, plenamente harmonizado com as vibrações das esferas artísticas da Pátria Espiritual, pode observar os pormenores do modelo insólito concedido por seus amigos do mundo invisível.

Daí a reproduzi-lo mais tarde,

obedecendo ao capricho dos claros e das sombras, da harmonia das cores e da pureza das linhas seria fácil, pois Alberto Dürer é um grande artista, um sensitivo, cujas vibrações penetram as camadas superiores do Invisível, e aquela visão sublime se decalcou nos refolhos da sua alma, e em formas indeléveis, o que lhe permitiu reproduzir a obra em toda a sua magnificência”⁵.

Não raro, o mesmo estranho fenômeno se verifica com os médiuns espíritas em relação às obras românticas que lhes concedem os mentores espirituais. Quadros belíssimos, seqüências admiráveis de cenas coloridas, detalhes singulares, etc., tudo sublimado por um jogo de luzes indescritível, são fornecidos àqueles no momento em que recebem a obra, ou antes da sua recepção, quando do transe letárgico provocado por seus Instrutores durante o preparo da mesma e a adaptação do médium para o feito. Dá-se mesmo o fato de que, algumas vezes, uma só obra terá dois autores – **um que a conta, ou narra em cenas, no Espaço, e outro que a escreve mais tarde, através da psicografia.**

Neste caso, ao transcrevê-la sob assistência do seu amigo invisível, o médium já conhece a história porque a viu narrada no Além, o que muito facilita a recepção escrita, pois, ou dela se recorda, caso seja instrumento muito lúcido, impressionável, ou, quando menos, a conserva arquivada na subconsciência, caso a faculdade não disponha da

Alberto Dürer é um grande artista, um sensitivo, cujas vibrações penetram as camadas superiores do Invisível



⁵ Em ocasiões tais, verifica-se uma espécie de hipnose sobre o sensitivo: mais tarde ou mais cedo ele reproduzirá, fatalmente, o que o Invisível lhe forneceu, embora auxiliado, ainda, pelo mesmo Invisível, ou pelos seus amigos e protetores espirituais. ▶



é comum o médium se emocionar ante as belezas que à sua visão se rasgam em cenas indescritíveis

propriedade de reter lembranças ao despertar do primeiro transe.

Dentre outros médiuns de que temos notícias, além de nós mesma, pois esses fatos nos são muitos comuns, convirá destacar Francisco Candido Xavier, por ser o mais popular e o mais acreditado no conceito geral. Confessa ele que, ao receber da entidade espiritual Emmanuel o livro “Paulo e Estevão”, assistiu, deslumbrado, à cena da aparição do Nazareno a Saulo de Tarso, na estrada de Damasco, quadro fluídico criado **pela palavra es-**

piritual (vibração mental, poder do pensamento e da vontade sobre fluidos existentes no Universo) do autor da obra, que a está ditando psicograficamente, e a qual se converteria na mais bela obra pelo Espaço concedida aos Homens depois da codificação da Doutrina Espírita. Comovido, o médium não suporta tanta grandeza patenteada à sua visão. Abandona o lápis, interrompendo o ditado. Prostra-se de joelhos e chora as mais sublimes lágrimas que seus olhos conheceram. Aliás, é comum o médium se emo-

cionar ante as belezas que à sua visão se rasgam em cenas indescritíveis, quando, muito concentrado no trabalho, favorecido por ambiente feliz e afastamento completo das coisas deste mundo, ele se dá ao labor do ditado mediúnico. Muitas vezes, nós mesma temos interrompido nossos trabalhos, ante ao encantamento da sutil beleza espiritual com que nossos Guias nos mimoseiam, a fim de nos entregarmos ao pranto feliz e comovido que o mundo ainda desconhece. Parece que o médium, em tais ocasiões, tem as suas sensibilidades gerais elevadas ao máximo, pois se não vibrar unísono com o autor da obra não conseguirá realizar o feito. Daí o porquê de um instrumento mediúnico obter obras de poucos autores, pois o trabalho é sempre melindroso e difícil, exigindo o máximo de qualidades harmoniosas de um e de outro, tais como amor à causa, vontade, pureza de intenções, humildade, paciência, perseverança, desinteresse de toda e qualquer natureza, mormente o desinteresse monetário, renúncia e até mesmo espírito de sacrifício, o que deixa entrever não ser fácil a um encarnado assim comungar, tão intensamente, com entidades elevadas da Espiritualidade.

...CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. Págs. 138 a 173. Feb.